

Batuclagem Diversas

O Patinho que queria ser Cisne

Paulo Henrique de Melo Ferreira e Vitória Melo Ribeiro

Em um lago muito distante da cidade grande, onde os peixes nadavam e os sapos coaxavam, havia uma família de patinhos. A linda mamãe pata tinha penas amarelas e curtas, um bico achatado e largo era sempre com o seu comportamento leve e delicado educava seus filhotes, mostrando como era a vida no lago, como cuidar dos seus irmãos e a viver em harmonia.

O papai pato era grande e forte, possuía longas e poderosas asas que usava para voar e guiar sua família quando chegava o inverno. O papai pato, assim como a mamãe, também possuía penas curtas e amarelas, um bico achatado e largo como todos os patos.

Entretanto, nessa família de patinhos, um dos filhotes era diferente. Ele não queria ser como os outros, sempre sentiu que não era um patinho e não se achava tão bonito como seus irmãos. Por isso, os irmãos do patinho ficavam debochando dele, o que deixava o Patinho muito triste e desanimado.

Certa vez no laguinho em que viviam, passou um bando de cisnes que iria viajar para o campo vizinho. Vendo todos aqueles majestosos cisnes com suas longas penas brancas e bicos arredondados, o patinho mais jovem da família ficou maravilhado e quis ser e fazer parte do bando de cisnes e desde aquela visita nunca mais esqueceu desse sentimento. O patinho naquele dia havia descoberto que, bem no fundo, no seu coraçãozinho ele era um cisne.

O patinho se arrependeu profundamente ao contar o seu desejo para sua família, pois seus irmãos riram de sua cara e o seu pai deu uma grande bronca, dizendo que patos são patos e nada pode mudar isso. O patinho chorou, chorou e chorou quando a sua família disse que ele não poderia ser o que ele sentia que era.

“Como vou fazer agora? Não me sinto bem nesse corpo, sei que sou um cisne por dentro, mas como vou mostrar isso para os outros?”

Foi nessa hora em que sua mãe chegou o abraçou e disse:

“Filho, seu coração é bom e gentil. Não entendo muito bem esse seu sentimento de ser um cisne, mas uma vez uma pata muito sábia me contou que devemos ser nós mesmos e buscar nos expressarmos da melhor forma possível. Seja feliz da sua forma e não deixe que ninguém te diga o contrário ou rir da sua cara. Desde que você seja bom e não faça mal a ninguém, não tem porque você se sentir mal ou vergonha de quem você é.”

O Patinho cresceu e no passar dos anos ele com a ajuda de sua mãe foi alongando suas penas e pintando-as de branco. Quando ele virou adulto sua mãe lhe deu um lindo enfeite arredondado para deixar o seu bico como o dos cisnes que ele havia conhecido na sua infância, nesse dia o Patinho, quero dizer, o Cisne deixou o lago em que vivia para encontrar os cisnes que ele havia conhecido e ser feliz a sua maneira.

Desde então ele se juntou aos outros cisnes e toda a sua família o ajudou a encontrar os cisnes bonitos que viram naquele dia. Os seus irmãos não riram mais do Cisne que ele se tornou e o seu pai pediu desculpas pela forma que o tratou quando ele contou tudo.

Assim, o lindo Cisne encontrou a grande família que tanto procurava e foi feliz para sempre.

Lenda da Mandioca (original)

“Em épocas remotas, a filha de um poderoso cacique foi expulsa de sua tribo e foi viver em uma velha oca distante por ter engravidado misteriosamente. Parentes iam levar-lhe comida para seu sustento, assim a índia viveu até dar à luz a uma linda menina, muito branca, a qual chamou de Mani. A notícia do nascimento se espalhou por todas as aldeias e fez o grande chefe cacique esquecer as dores e rancores e cruzar os rios para ver sua filha. O novo avô se rendeu aos encantos da linda criança a qual se tornou muito amada por todos. No entanto, ao completar três anos, Mani morreu de forma também misteriosa, sem nunca ter adoecido. A mãe ficou desolada e enterrou a filha dentro da oca onde vivia e sobre ela derramou seu pranto por horas. Mesmo com os olhos cansados e cheios de lágrimas ela viu brotar de lá uma planta que cresceu rápida e fresca. Todos vieram ver a planta miraculosa que mostrava raízes grossas de cor marrom por fora e branca por dentro. Os índios provaram daquela raiz e deram-lhe o nome de Manioca, Mani em homenagem a pequena indiazinha e oca por ter nascido dentro de uma oca. Hoje conhecemos esta planta pelo nome de Mandioca.”

Mani da Oca

Gláucia Neix

Era uma vez, uma índia, filha de um poderoso cacique, que vivia tranquilamente em sua tribo e se chamava Mira.

Em um determinado dia, misteriosamente, Mira descobriu que estava esperando um bebê e foi expulsa da tribo pelo seu pai, que ficou furioso com a notícia.

Mira resolveu, então, viajar para a cidade, em busca de um lugar para morar e cuidar de seu bebê.

Ao chegar na cidade e andar pelas ruas movimentadas jamais vistas antes, Mira conheceu uma índia, chamada Inã, que havia tido suas terras tomadas por grandes fazendeiros. Ela ofereceu um quarto para Mira ficar até que a criança nascesse.

A índia, que se tornou muito amiga de Mira, a apoiava por meio de longas e prazerosas conversas que mostravam a importância de sua cultura e da luta do seu povo. A índia Inã a levou para assembleias indígenas e ela entendeu o quão

importante é defender seus direitos. Quando menos esperava chegou Mani, uma linda menina.

A notícia do nascimento de Mani se espalhou rapidamente e fez o poderoso cacique esquecer seus rancores e cruzar os rios para ver sua filha e sua mais nova netinha. O vovô se rendeu aos encantos da linda indiazinha, a qual se tornou muito amada por todos.

Mani cresceu e, seguindo o exemplo da mãe, se tornou uma mulher importante na luta pelos direitos dos indígenas. Ela lutava pelo respeito às suas culturas, pela demarcação de terras e por serviços de saúde e educação de qualidade para os povos. Ela sempre dizia: “Que acabe de uma vez por todas o sofrimento dos índios! Somos parte do Brasil! Merecemos respeito! Merecemos viver!”

Mani, no entanto, um certo dia, morreu de uma forma também misteriosa, sem nunca ter adoecido antes. A mãe, Mira, ficou desolada e enterrou a filha dentro da oca em que vivia antes de ir para a cidade e sobre ela derramou lágrimas por horas.

Contam os índios que nasceu ali, onde Mani foi enterrada, uma planta de raízes grossas de cor marrom por fora e branca por dentro que recebeu o nome de Manioca, Mani em homenagem a pequena indiazinha e oca por ter nascido dentro de uma oca. Hoje conhecemos essa planta pelo nome de Mandioca - um dos principais alimentos do mundo que, dependendo da região, é também conhecido como macaxeira, aipim, maniva ou xagala.

Mas o mais importante dessa história toda é que Mani da Oca fez brotar no coração de cada indiozinho o orgulho de ser quem são e a força para continuar a lutar.

Imagem 8: Índios manifestando a favor de seus direitos com cartazes, etc.

FIM

REPAGINANDO A NOSSA HISTÓRIA PARA ROBIN HOOD

Rebeca Ivasco e Ingra Lopes

(Comecei a procurar umas histórias africanas para ver se mudamos, mas ainda não achei nenhuma, porque achei interessante colocarmos um viés mais africano)

Pensei em : Colocarmos Robin Hood na África, ao invés de ser na Inglaterra. Tipo, ser uma menina africana que tira dos ricos da tribo e dá aos pobres.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Robin_Hood

Elementos Principais : Arco e flecha

Rei Ricardo Coração de Leão

Príncipe João

João Pequeno, **Frei Tuck**, Allan Dale e Will Scarlet entre outros

moradores do bosque.

Cobrador de Impostos

Maid Marian

- Projeto Batuclagem
- UFABC

Ateu	Eduarda
Pansexual	Jão
Índio	Yuri
Cego	Tom
Autista	Tina
Obeso/ Velho	Joana Pequena

Story Line :

REPAGINANDO A NOSSA HISTÓRIA PARA ROBIN HOOD

TÍTULO : Rubina Hood

1- Na antiga floresta de Sherwood, próxima a um pequeno povoado, na Inglaterra, vivia uma linda jovem chamada Rubina Locksley. O nome fora dado a ela pois ela tinha cabelos da cor de rubi, que davam um contraste especial com a cor de sua pele de ébano. Não havia nada que lhe faltasse; além de viver em um grande

castelo, onde os banquetes eram sempre fartos e a decoração muito chique. Ela também fora ensinada a ser uma guerreira, sempre andando por aí com seu arco e flecha.

2-Em seu povoado havia um Rei muito bondoso, chamado Ricardo e apelidado pelos seus súditos de “Ricardo Coração de Leão”, pois respeitava a todos e pregava a igualdade e o respeito à diversidade. Nesse reino, não importava se uma pessoa tivesse a cor de pele mais clara ou mais escura, e nem mesmo se era jovem ou velho, ou se gostasse de namorar meninos ou meninas.

3- Porém, nessa mesma época, ocorria uma grande guerra. Rubina, que era uma valente guerreira, juntou-se ao Rei Ricardo em seu exército como uma das mais importantes combatentes de seu reino. A guerra durou meses e meses, mas por fim, Rubina conseguiu voltar ao seu povoado com vida.

4- Rubina chegou em seu castelo e viu que ele havia sido tomado como propriedade do Príncipe João, junto com todos os seus pertences. Agora, ela só possuía seu arco e flechas, espada e as roupas que usava no corpo. Decidiu então ir ao povoado investigar, e descobriu que as pessoas que antes viviam uma vida confortável agora estavam pobres e infelizes, tendo de pagar impostos absurdos. Aqueles que não conseguissem pagar, teriam suas casas tomadas e seriam presos, fazendo com que muitos fugissem para a floresta de Nottingham, para se esconder dos soldados e do Xerife.

5 - Ela foi então para a igreja, conversar com seu bom amigo Frei Tuck, que contou à ela que como Rei Ricardo continuava na guerra, Príncipe João seu sobrinho, estava no comando, mas ele só se interessava em cobrar impostos absurdos e dar esse dinheiro e grande festas a todos seus amigos nobres. E ainda mais, ele odiava todos que considerava diferentes, cobrando ainda mais impostos deles, por isso, a grande maioria foi se esconder na floresta. Ele também contou que sua grande amiga Joana Pequena estava na floresta, e deu um mapa para que Rubina conseguisse chegar ao acampamento.

6- Depois de um tempo na floresta, Rubina conseguiu chegar ao acampamento e encontrou sua boa amiga, Joana Pequena, uma senhora com uma barriga avantajada, porém, era conhecida como a mulher mais forte e sábia do povoado, até mesmo, mais forte que muitos homens. Ela dissera que seus antigos

amigos também estavam no acampamento, pois foram classificados pelo Príncipe como 'Diferentes', e por seu decreto, não poderiam mais viver na cidade com os outros.

7- Apoiado em uma árvore, estava João, que fora considerado diferente porque se apaixonava por pessoas independentemente se fossem meninos, meninas, ou nem meninos nem meninas. Ele foi expulso da pensão de onde morava por um decreto do Príncipe de que pessoas que namorassem outras pessoas de mesmo sexo fossem perseguidas.

8-Yuri, seu amigo que era nativo daquela terra, foi desapropriado de sua pequena aldeia junto com toda sua família por não ter um documento que comprovasse que a terra era deles, mesmo tendo vivido ali por gerações. E ali também estavam Tom e Tina, que eram irmãos. Tom, que havia nascido cego, enquanto que Tina tinha dificuldades para falar e interagir com outras pessoas, eles foram separados de sua família por não serem considerados aptos a trabalhar. E Joana havia se escondido por não acreditar nos deuses do príncipe João.

9- Todos estavam sem comer a dias, já que a floresta não tinha muitos frutos ou animais, e nenhum deles tinha dinheiro para comprar nada dos comerciantes. Rubina chegou à conclusão de que deveria ajudar seu povo a sobreviver, por isso, bolou um plano com seus amigos : Eles pegariam de volta todo o dinheiro que fora tirado deles, e como? Pegando de volta dos nobres que estavam com ele, é claro! Já que Príncipe João pegava todo o dinheiro dos súditos e dava para seus amigos nobres.

Por isso, eles montavam tocaia nas estradas principais que passavam pela floresta, e assim que uma carruagem estivesse chegando, a faziam parar, e tiravam tudo que conseguiam. Até pegavam as roupas dos nobres algumas vezes, fazendo eles chegarem à cidade só com as roupas de baixo.

10- Príncipe João ficou furioso, dobrando o número de soldados para o Xerife, ordenando que todos aqueles que soubessem do paradeiro da tão chamada Rubina Hood, como era chamada agora, deveriam entregá-la, para que fosse presa. Mas isso não intimidou em nada Rubina e seu grupo, eles passaram a roubar ainda mais. E com a ajuda de Frei Tuck, distribuíam o dinheiro para que o povo da cidade pudesse sobreviver.

11- Entretanto, o Xerife e o Príncipe ficaram tão obcecados, que começaram a prender quase todas as pessoas da vila. Eles queriam que Rubina se entregasse. Quando soube disso, nossa heroína pensou em se entregar... mas nessa hora, Joana a segurou e pediu para que ela pensasse melhor sobre o assunto, pois ela era a heroína de todos, e caso se entregasse, destruiria a esperança de todos. Depois de muito pensar, decidiram que seria muito melhor tentarem tirar todos da prisão e ainda roubar todo o dinheiro que Príncipe João guardava, já que o castelo e a prisão ficavam lado a lado.

12- Quando a lua já estava bem lá em cima no céu, Rubina e seus amigos foram sorrateiramente até a prisão. Chegando lá, viram que o Xerife e todos os soldados estavam dormindo em seu posto, e ainda mais, as chaves estavam no colo do Xerife! Se dividiram em grupos, enquanto Tom, Tina, Yuri e Eduarda ajudavam a tirar todos da prisão, Joana e Rubina iam até o castelo para pegar os vários sacos de dinheiro do Príncipe.

13- Chegando no quarto do Príncipe, viram que ele também dormia muito pesado, e tinha um ronco terrível, mas prestaram mais atenção nos sacos de moedas de ouro espalhados pelo seu quarto. Rubina amarrou uma corda em sua flecha e a disparou da janela do quarto até o portão principal, pela qual mandaram os sacos de dinheiro, enquanto os prisioneiros deixavam a prisão.

14- Entretanto, uma moeda acabou saindo do saco e caiu exatamente na cabeça do Xerife, que quando viu que os prisioneiros estavam fugindo, gritou furioso para acordar os soldados, que começaram a atirar flechas em todas as pessoas. Os fugitivos usavam os sacos de moedas para se protegerem. O Príncipe também havia acordado com toda a confusão e pôde ver Joana Pequena escorregando pela corda com seu último saco de moedas, e furioso, tentou impedi-la, mas foi nocauteado por Rubina antes que conseguisse.

15- Rubina e Joana escorregaram pela corda, batendo em todos os soldados que conseguissem. Quando chegaram no chão, ajudaram a todos os idosos e as crianças que ainda precisavam sair, antes que fechassem o portão. Mas Rubina acabou ficando presa, pensando rápido, ela disparou uma flecha em chamas no quarto do Príncipe, fazendo com que todos os soldados fossem

correndo ajuda-lo, esquecendo de Rubina que pôde fugir, trancando o portão de uma maneira que seria muito difícil qualquer um sair do castelo por um bom tempo

16 - A noite foi de grande alegria para o povo da floresta e da cidade, já que estavam finalmente juntos, celebrando sua liberdade. Entretanto, na manhã seguinte, os soldados haviam conseguido sair do castelo, e com Príncipe João, estavam perseguindo os fugitivos. Rubina tomara a frente com seus companheiros para poder proteger o povo, com seu arco preparado. Entretanto, trombetas soaram ao fundo, e todos viram a bandeira do Rei Ricardo surgindo pelas montanhas, junto com ele e sua grande tropa.

17- Os soldados do Príncipe João pararam, esperando a chegada do Rei. Quando ele chegou e soube de tudo que havia acontecido, tirou o título do Príncipe João e fez com que ele e seu Xerife trabalhassem nas minas por muitos anos, para pagarem por todo o mal que haviam feito. Devolveu o título de nobreza de Rubina, que agora dividia seu castelo com seus amigos e o mais importante, devolveu a paz, alegria e prosperidade ao reino

O vovô aventureiro

Ariane Salerno

Era uma vez um senhor de avançada idade, o senhor Alonso. Ele era muito sábio. Depois que ele se aposentou, passou a viver com a sua família, numa casa bonita na cidade de La Mancha.

Alonso não era muito feliz. Às vezes, ele ficava sozinho em casa e isso o deixava triste. Tinha dias que as pessoas que viviam na casa não davam atenção pra ele, nem para o que ele contava. Passavam por ele como se ele não estivesse ali. Sempre diziam: “Ah seu Alonso, o senhor já está gagá, não sabe o que diz” e cada vez que isso acontecia, ele ficava ainda mais triste. Sem contar quando consideravam ele frágil e o privavam das tarefas.

Então Alonso passava a maior parte do seu tempo lendo livros. Ele gostava muito das histórias de cavalaria, eram as suas preferidas. Sonhava em um dia ser um cavaleiro como esses das histórias.

Um dia, caminhando pela mata, Alonso avistou um cavalo bem magro, desnutrido, e não pensou duas vezes, adotou o pobrezinho e colocou o nome de Rocinante. Com um cavalo, ele era quase um cavaleiro, pensou ele.

Ao retornar para casa encontrou no caminho Sancho, amigo com quem gostava de conversar.

“Como vai, Alonso? O que me conta?”

“Ah, nada, sabe como é... Está tudo muito parado nessa vida. Às vezes tenho vontade de partir para uma aventura.”

“Sabe que também tenho? Em casa ninguém me dá muita atenção, como se eu não servisse para mais nada só porque estou velho...”

“Também sinto isso... Como se não tivéssemos já vivido tantos anos e aprendido tanto...”

Na nossa época o peixe não vinha numa embalagem da prateleira do mercado, a gente pescava e pra isso tinha que saber sobre o rio, a isca certa e conhecer bem os peixes.”

“Nem fala! Um dia inteiro de pesca, depois aquela caminhada com as crianças e o jantar em família... Esses jovens só ficam no celular, nem sabem mais conversar.”

exemplificar a vida deles/ importância deles). Mostrar que o tempo que viviam tinha mais contato humano, pesquisar hábitos, liam na sala depois do jantar, costuravam suas camisas)

Nesse clima de insatisfação, seu Alonso teve uma ideia:

“Sabe, Sancho, e se a gente partir para uma aventura? Eu já tenho um cavalo!”

“Ih, Alonso, eu só tenho um burrinho...”

“Oras, se ele sabe cavalgar então serve!”

“Mas, e as nossas famílias? Eles não vão se preocupar?”

“Na minha casa ninguém liga pra mim, não vão nem notar...”

“Tem razão...”

“Poderemos ser cavaleiros. Eu serei Dom Quixote de La Mancha”

“E eu seu fiel escudeiro Sancho Pança”

Então eles prepararam tudo. Seu Alonso, ops, Dom Quixote, colocou as rédeas no Rocinante e ajudou Sancho com seu burrico e partiram certos de uma grande aventura.

No caminho eles passaram por moinhos de vento e Dom Quixote, imerso nessa grande aventura, imaginou que eram Gigantes e que ele e o companheiro deviam derrotá-los. Então partiu para cima do moinho e as pás jogaram ele para longe, e ele caiu todo torto no chão.

Então Sancho disse

“Meu amigo, não eram Gigantes, eram moinhos de vento.”

Dom Quixote então respondeu:

“Eram Gigantes sim, meu caro Sancho. Um feiticeiro os transformou em moinhos para protegê-los de nós, cavaleiros andantes. Pode ter sido uma queda feia mas aprendi que de pedras e tropeços é que construímos castelos e pontes.

Sancho ficou preocupado mas entendeu a lição passada pelo amigo e resolveu continuar na aventura. Afinal, era melhor cavalgar com seu amigo do que ficar em casa sem sequer ser notado.

Um pouco longe dali, na casa de seu Alonso, Antônia chegara da escola e procurara pelo avô. Imaginava que lá estaria ele com seus livros, pronto para soltar um enigma para ela responder. Ela adorava esses jogos. Onde estaria ele agora? .

Mais adiante Dom Quixote e Sancho Pança se depararam com policiais levando homens amarrados. Dom Quixote imediatamente imaginou que os homens eram escravos e, como um bom cavaleiro que buscava o bem e a justiça, resolveu libertá-los. Entretanto, após estarem livres os homens deram uma surra e levaram todos os pertences dos cavaleiros. Eles haviam cometido um engano: eram bandidos e não escravos!

Sancho então resolveu colocar fim a essa aventura. Ele estava se sentindo importante como há tempos não se sentia. Entretanto era melhor voltarem para casa pois apesar de estarem felizes de terem tantas aventuras para contar, a saudade dos entes queridos era maior.

Os cavaleiros cavalgaram bastante até suas casas e se despediram, felizes; apesar dos ferimentos essa havia sido uma aventura e tanto!

Quando chegou em casa Dom Quixote encontrou sua neta Antônia sentada com seus livros, cabisbaixa...

“Por que estás tristes, minha querida?”, perguntou

“Vovô! O senhor voltou!”

Antônia então abraçou seu Alonso e pediu pra ele nunca mais sumir daquele jeito

“Eu estava em uma aventura!”

“Como essa?” – Antônia apontou para um dos livros, cuja capa era a figura de um cavaleiro

“Sim, exatamente.”

“E como foi?” – perguntou Antônia curiosa.

Então eles sentaram no meio dos livros e seu Alonso começou a contar sua aventura. Falou dos escravos que libertou, do seu valente amigo Sancho Pança e de quão veloz foi seu cavalo Rocinante. Ele não percebeu o resto da família se aproximar, que não o via assim entusiasmado há muito tempo. Ele sempre teve histórias para contar mas o fato de ter vivido essas histórias provocou um efeito em Seu Alonso. Ele podia não ser um grande cavaleiro mas era tão ativo quanto um.

Então Dom Quixote, ou melhor, seu Alonso percebeu que era muito amado pela família e que ele não era o único a gostar das histórias de cavalaria. Afinal, porque não compartilhar tudo que aprendeu nessa vida e nos livros com sua família?

Depois dessa grande aventura seu Alonso sentava todas as noites para contar sobre seus tempos de menino, ou de algum cavaleiro andante que lutou contra gigantes...

Fim

O Saci mais que traquina

Victor Thomaz Santos e Daniele da Silva Benício

Página 1

Acho que todos conhecem a história do Saci. É um menino que tem uma perna só, usa um gorro vermelho e sempre está com um cachimbo na boca. O Saci é muito arteiro e sapeca, vive aprontando para os moradores da floresta, colocando água no feijão das cozinheiras, fazendo tranças nos rabos dos cavalos.

Página 2

O Saci nasce de um broto de bambu vivendo nele por 7 anos. Ele sempre viveu livre na floresta, dizem as lendas, e pode correr dentro de redemoinhos, onde se esconde depois de fazer traquinagens.

Página 3

Embora traquina e muito brincalhão o saci é amigo dos animais e brinca com eles. Ele também ajuda a cuidar da floresta.

Um dos melhores amigos do saci é o lobo-guará, e eles adoram brincar pela floresta, correndo de uma colina a outra, nadando nos lagos e rios, e às vezes, juntos eles pregam peças juntos nos outros animais.

Página 4

Num dia bem ensolarado o Saci estava encostado numa árvore, conversando com o lobinho quando ouviu um grito de socorro de humano. O lobinho se assustou. Naquela região era difícil de encontrar muitos humanos por ser uma reserva ambiental.

Página 5

Então o lobinho começa a farejar, acha a direção e corre para o local de onde o som vinha. O saci foi logo atrás. Eles encontraram uma menina dentro de um buraco pedindo ajuda. O buraco era fundo e ela não conseguia sair “Lobinho vá se

esconder, porque sabe como é gente, não pode ver um bicho como você que já quer pôr a mão.”

Página 6

O Saci criou um redemoinho e salvou a garotinha. Ela ficou assustada, mas logo se acalmou e disse:

- Eu me chamo Ana, muito obrigada! Fui visitar meus avós que moram aqui perto da floresta, mas acabei me perdendo e cai nesse buraco.

- É uma armadilha para capturar animais selvagens- respondeu o Saci. Tem pessoas que caçam e vendem os animais, ilegalmente.

Página 7

- Obrigada, Saci! Queria muito conversar mais com você, mas tenho que voltar para casa. O que você acha de nos encontrarmos amanhã para um passeio?

Ana agradeceu o Saci e eles conversaram um pouco. Perto do meio dia ela disse que precisava voltar para casa. Mas disse que voltaria no dia seguinte para levá-lo num passeio para a cidade em agradecimento pelo que ele fez.

Página 8

A garotinha vai embora e aí o lobinho sai do seu esconderijo e pergunta:

- Você vai Saci?

- Por que não iria ué, ela parece alguém legal, vamos ver no que vai dar.

No dia seguinte, no lugar marcado, eles se encontram e vão para a cidade.

Página 9

- Gostaria de levá-lo à cidade comigo, Saci, o eu você acha?

Chegando na cidade, ficou todo contente, ele estava impressionado com tanta gente. Diferente das árvores que ele via na floresta rodeando os caminhos e das estradinhas de terra, o Saci avistava muitos prédios e casas, as ruas cheias de carros pra lá e pra cá.

Ana contava para ele sobre os lugares. O Saci estava impressionado.

Ele nunca tinha ido à cidade.

Página 10

Então num momento Ana avista um dos amigos dela e diz para o Saci

- Ei Saci.... você pode me esperar aqui atrás desse arbusto?

O Saci estranha mas atende o pedido dela.

Página 11

- “Oi Ana, o que você está fazendo por aqui?” disse o garoto.
- Só estou passeando.
- Você está sozinha?.
- Sim.

O Saci ouve a conversa e não entende porque ela disse que estava sozinha. Ele ficou bravo por ter que ficar escondido e resolveu pregar uma peça em Ana. De repente, um vento forte que jogou areia no seu cabelo.

Página 12

O garotinho amigo de Ana riu dela e ela ficou toda envergonhada. Ela se despediu do garoto dizendo que tem dever de casa.

Quando voltou para o arbusto, o Saci, rindo, perguntou:

- O que houve?
- Um vento veio de repente e encheu meus cabelos de areia!

Página 13

Eles andam mais um pouquinho e a Ana disse:

- Vamos pegar um ônibus para a Biblioteca?

Ana entra no ônibus e senta direto no assento preferencial, o Saci pergunta:

- Por que esse assento é de cor diferente?

Ana responde “é para pessoas deficientes e idosos, mulheres grávidas também, mas quando não tem ninguém pode usar”.

Página 14

Eis que entra uma pessoa deficiente no ônibus e a Ana finge que dorme.

O Saci embora traquina fica muito bravo, e resolve pregar outra peça na Ana. Pega um inseto e coloca no cabelo da Ana, ela toma um susto e pula.

Ela dá o lugar para a pessoa que precisava, e percebe o olhar de reprovação das pessoas a sua volta.

Página 15

Logo eles descem e passam em frente a um grupo de negros.

Ana logo muda de calçada e aperta o passo dizendo “vamos rápido porque aquelas pessoas podem nos assaltar!”

O Saci pergunta para a Ana:

- Nós não somos amigos?
- Claro que somos!, responde ela .
- Eu também sou negro e não sou assaltante...

Página 16

O saci decide amarrar os cadarços da Ana para ela tomar um leve tombo, só que quando ele tenta fazer isso ela nota e diz :

- Por que está fazendo isso Saci?

O saci envergonhado começa a falar:

- Ana você não percebe que o que você tem feito não é legal? Como quando você estava comigo e disse que estava sozinha? Por que? Só porque eu sou diferente?

Página 17

- No ônibus... diz o Saci, -quando passamos por aquele grupo de pessoas...

- Poxa, Saci, você tem razão. Sabe, às vezes não paramos para pensar em como nos comportamos. Obrigada por me ajudar a ver que tenho sido preconceituosa. Prometo que vou melhorar!

Página 18

Quando o Saci volta para a floresta, o lobinho está ansioso esperando pelo amigo, para saber das novidades

- Olá, amigo, como foi o passeio com a Ana? Eu quero saber tudo! Vocês foram ao zoológico? Ouvi dizer que existe um lugar assim onde deixam os animais enjaulados!

- Lobinho, não fomos ao zoológico, não. A cidade é bonita, mas eu prefiro morar na floresta com meus amigos animais. Os humanos podem ser muito complicados...

- O que você quer dizer com isso?

- Que você é meu melhor amigo, mesmo você sendo um lobo e eu um Saci...

Fim

IARA: A FORÇA DE UM CANTO

Jéssica Rodrigues e Nathália Vaccani

Na beira do rio Amazonas, havia grandiosas castanhas-do-brasil, perfumadas aroeiras e robustas andirobas. Ao cair da tarde, o sol beijava suas águas e as sombras das árvores pareciam acariciá-las com seus reflexos. O exuberante rio era muito admirado por todas as pessoas do vilarejo. Era ali que morava uma menina sereia chamada Iara.

Tinha a pele morena e olhos de jabuticaba, e seus cabelos eram longos e escuros. Vaidosa, Iara costumava enfeitá-los com flores que nasciam das vitórias-régias que pairavam sobre o rio. Atenta e curiosa, seu principal passatempo era sentar-se sobre uma grande pedra e observar tudo o que acontecia: o movimento das águas a bater nas pedras, o sol aquecendo suas escamas, os peixes coloridos nadando em seus cardumes, os passarinhos cantando, as plantas dançarinas com o sopro do vento...

Certa vez ao anoitecer avistou um boto azul e majestoso. Para sua surpresa, em um piscar de olhos ele se transformou num homem alto e que vestia um terno branco. Olhava para os lados como quem procurava alguém. Logo avistou uma moça do vilarejo, que voltava para sua casa depois de um longo dia de pescaria. Carregava os peixes nas costas sob barbantes. O boto a chamou.

A bela moça afastou-se, fazendo um gesto negativo, mas o Boto não gostou de sua atitude. Contrariado, decidiu puxá-la pelo braço. Iara, vendo a situação, se assustou e deu um grito.

Ao ouvir o grito, o Boto a largou e a moça, assustada, seguiu seu caminho quase a correr e sem olhar para trás. O Boto olhou intrigado ao seu redor em busca do autor do grito. Antes que ele a visse, Iara mergulhou indo ao encontro aos peixes para contar o que viu. Seu melhor amigo, o Tucunaré, um peixinho tão amarelo quanto à luz do sol, contou que ela tinha salvo a moça, mas que já era sabido que o boto tinha atacado outras mulheres que andavam sozinhas. Vários peixes chegaram a o repreender, mas ele respondia que a culpa era delas, por estarem por aí sozinhas.

Indignada, lara percebeu que a situação era pior do que pensava e foi correndo contar para seus papais-sereios. Encontrou sua mãe, Coral, preparando o almoço que o pai Tritão, esperava ficar pronto, deitado em uns corais.

Tritão diz que a filha está enganada. Estranhando a história, pergunta:

- Como essa “moça” estava vestida? Se o boto mexeu com ela deve ser porque ela fez por onde, minha filha!

E sem esperar a resposta, o pai exclama, batendo seu tridente:

- Com toda a certeza ela deveria estar se exibindo.

lara pergunta para a mãe o que ela acha, e o pai não a deixa responder, dizendo que ela não tem que achar nada e que o almoço está atrasado. Então, ele olha para a filha e toma uma decisão:

- E você também precisa aprender a cuidar do lar, e não se meter na vida dos outros! Já sei... Você não vai mais para a escola e vai aprender a ser igual a sua mãe e respeitar seu futuro marido! A partir de agora a pedra também é um lugar proibido para você, lara!

A pequena sereia fica chocada e muito chateada, pois adorava a escola, sem muita opção, aceitou a ordem de seu pai. Infelizmente, lara e sua mãe ainda não sabiam que toda criança tem direito a estudar e que havia pessoas muito boas que poderiam ajudá-la a sair dessa, como o pessoal do Conselho Tutelar.

Então, antes de dormir, Coral foi até o quarto da filha para acalmá-la. O quarto era o refúgio de lara. Havia uma enorme cama de concha, ao lado, uma âncora que servia de guarda roupa para pendurar suas numerosas caudas coloridas e uma cortina de algas protegia a janela do agito do rio. Sabida da vaidade da filha, a mãe dera a ela um espelho de parede enfeitado por diversas pérolas reluzentes. Este era o presente mais especial para a menina sereia.

Ao entrar no quarto, viu sua pequena desolada, deitada sobre a cama, e a consolou dizendo:

- Vamos dar um jeito de você continuar estudando, sem seu pai saber.

No dia seguinte, depois que Tritão saiu para trabalhar, sua mãe a acordou e disse a pequena lara que a partir daquele dia ela seria sua professora e que iria ensinar pra ela tudo o que ela deveria saber. Coral sempre quis ser professora, mas

quando se casou foi privada de continuar seus estudos, tornando-se uma dona de casa.

A medida que se passavam os anos, a união entre as duas mulheres-peixes e a cumplicidade de mãe e filha foram crescendo. Perceberam as injustiças que aconteciam dentro de sua casa, como da vez em que seu pai gritou com sua mãe quando descobriu que ela estava ensinando lara.

Já adolescente, lara começou a ter um gosto especial por cantar. Cantava no chuveiro, estudando, fazendo comida, limpando a casa e em todos os momentos que podia.

Ao completar 18 anos, ela avisou o pai que iria para a Faculdade das Trombetas^[AMD1] estudar canto. Tritão ficou muito bravo e disse:

- Filha minha não vai sair por aí cantando na noite! Fazer faculdade é perda de tempo, você não precisa disso. Deveria estar pensando em se casar e construir uma família! – ele respirou fundo – O Boto está solteiro e é um ótimo rapaz, porque você não sai com ele?

Furiosa, ela ignorou o comentário do pai e foi para o seu quarto, pensando no que fazer para conseguir autorização para a faculdade.

Passado algum tempo, sua mãe bateu na porta. lara percebeu que ela tinha chorado e perguntou o que aconteceu. Em uma resposta surpreendente, Coral revela que estava indo morar com sua irmã Madrepérola e que a levaria junto.

Quando amanheceu, lara fez suas malas, e foi falar com seu pai:

- Pai, eu sei que você não me apoia, mas eu tenho um sonho e meu sonho é ser cantora. Não quero e não vou deixar que ninguém acabe com meus sonhos. Sua autorização era muito importante para mim, mas estou indo com a mamãe para a casa da tia, e de lá vou para a Faculdade.

Tritão ficou sem reação, vendo as duas saindo pela porta. Ele não sabia como ia se alimentar, já que não cozinhava.

No ano seguinte lara entrou para a faculdade, os anos foram se passando e lara ganhou notoriedade na música. O canto da sereia encantou a todas!

Sua voz era tão poderosa e as letras que ela mesma compunha tão engajadas, que ajudou muitas moças, sereias e peixes a se livrarem de moços

como boto. Quem a escuta acredita no poder que elas têm para escolher nadar em qualquer rio, oceano ou mar e que seus direitos são iguais aos dos homens.

Ah! E quer saber o que aconteceu com o boto?

As moças que ouviam o canto da lara aprenderam também artes-marciais e o colocaram para correr. A vida do rio seguiu tranquila e o silêncio da noite só era quebrado quando lara cantava suas belas canções.